

TEMPO ZEN

poemas breves

haikais

traduzidos e recriados

Esses pequenos poemas, breves como um suspiro longo - pois estes poemas para serem vistos (ou escritos em belos ideogramas), lidos e ouvidos, segundo os seus tradutores, “não devem ser mais longos do que uma respiração” - foram traduzidos de forma muito livre de um livro em que os seus originais em japonês estão vertidos para o francês.

Duas palavras ao final de cada um dirão o nome de seu autor.

Entre orientais e ocidentais, muito já foi escrito a respeito do haikai, haikai ou haiku (como no livro em questão). Uma pequena frase, no entanto, pode sintetizar tudo o que se escreveu sobre ele. Seu desejo? “Colocar em palavras o silêncio”¹.

Logo, que sobre a teoria do haikai eu... silencie.

Não sem antes lembrar que a Editora da UNICAMP publicou um precioso livro sobre o haikai. Nele cada poema aparece em sua forma ideogramática japonesa. Aparece como seria lido nesta língua. Aparece traduzido de forma linear - e aí se vê como o japonês pensa, sonha e escreve de forma diferente. Finalmente, aparece em uma forma corrente, afinal brasileira, logo ocidental².

¹ Na página 11 do livro apresentado no texto e na nota a seguir.

² O livro tem este nome: **Haikai**, for pensado, organizado e teve os seus poemas traduzidos por Paulo Franchetti, Elza Takeo Doi e Luis Dantas. Tenho a segunda edição, de 1991. A Editora é a da UNICAMP em Campinas.

Vejamos como. Tomemos o exemplo de um haikai de Issa, que no livro está na página 75. Não transcrevo aqui os ideogramas japoneses. Mas o haikai, dito em japonês com letras ocidentais, soaria assim:

nodokasa ya
kakima wo nozobu
yama so nô

Na lógica e na sensibilidade japonesas, traduzido para o português ele deveria soar desta maneira:

tranquilidade
fresta da cerca espia
monge (do templo) da montanha

E o mesmo haikai, retraduzido agora para um português “nosso”, tomou esta forma.

Calma de primavera –
O monge da montanha
Espia através da cerca.

Logo se verá que os haiku, haicais ou haikais desta coletânea são uma retradução de tradução. No entanto, entre o que vivemos, vemos, ouvimos e lemos, o que não é assim? Minhas iniciais - crb – aparecerão logo ao final de alguns pequenos poemas que um haikai inspirou. E eles não correspondem em linhas, rimas e métricas ao espírito japonês do haikai. Alguns poderão ser poemas-de-três-linhas. Outros de mais uma ou duas, e com uma rima entre duas palavras. São momentos em que, inspirado pelo seu original-francês, aventurei - talvez indevidamente - uma recriação livre. São, portanto, outra coisa que não um hai-kai (eu não ousaria tanto!)

Um poemeto leve e solto, de repente, inspirado em um hai-kai original traduzido para uma outra linha e reinventado – ou transgredido – em uma outra ainda. O que seria um plágio, não fosse esta confissão antecipada. Reconheço que estes pequenos poemas – muito caros e alguns geniais em Millor Fernandes – serão o próprio contraponto do haikai, ou hai-kai, ou haiku. Quis escrevê-los, no entanto, na medida em que me saiam de forma espontânea. E os escrevi como um ocidental de agora. Ou quase.

*O livro de onde os traduzi livremente é este: **HAIKU – anthologie du poème court japonais**³. Escolhi dentre todos os que me pareceram mais com o meu próprio rosto. Ou aqueles que me sugeriram ora uma imagem de outros momentos de minha vida, ora um trabalho precioso entre a palavra e o silêncio. De acordo com os tradutores, “uma única palavra, uta, designa em japonês a poesia e o canto.*

E é em voz alta, como um canto, que o haiku se lê”⁴.

Cantemos juntos, pois.

Esta coletânea é para a Tomiko.

³ Apresentação, seleção e tradução de Corinne Atlan e Zéno Bianu. NRF – Gallimard – poesie, Paris, 2002.

⁴ O mesmo livro, na página 21.

*Esta primavera em minha cabana.
Absolutamente nada
tudo, absolutamente!*

Yamagushi Sodô

*A solidão
o frio da primavera
e nada mais*

Uemura Sengyo

*Na solidão
a primavera, o frio.
Imóvel, minha alma flui
e corre como um rio.*

crb

*a areia do riacho
a cada traço de passo
a primavera se dilata*

Masaoka Shiky

*É primavera, eu acho,
pois a cada traço
de um passo
floresce o riacho!*

crb

*Ao longo do rio
não vi uma ponte.
Este dia é sem fim.*

Masaoka Shiky

*Todo o rio
tem três margens.
Viajei entre elas
a vida e meia que vivi
e em nenhuma delas vi
uma ponte qualquer
por onde atravessar
para ir... ou vir.*

crb (com a ajuda de jgr)

*É doce a primavera -
no confim das coisas
a cor do céu*

Iida Dakotsu

*Artista
a primavera chega
com paleta e pincel
e sobre o branco
da paisagem muda,
colore a cor da neve
com a cor azul do céu.*

crb

*Vela da lua –
uma mariposa
faz da água, o céu*

Yose Buson

*A idade da lua?
Eu diria treze anos –
mais ou menos*

Kobayashi Issa

*Na bruma da primavera
o vôo branco
de um inseto sem nome*

Yosa Buson

*No morrer da primavera
o vôo sem pressa e rumo
de um pássaro sem cor.
O seu nome... qual era?*

crb

*Doçura de brisa -
entre o verde de mil montes
um templo perdido*

Masaoka Shiki

*Sobre o ombro
do grande Buda
a neve derreteu*

Masaoka Shiki

*Pousada de noite
sobre o ombro de Buda
que de noite dormiu
uma gota de neve
sonhou que era um Buda,
e derreteu... e sumiu.*

crb

*Sem um rumor
ela contempla a montanha,
a mariposa*

Kobayashi Issa

*Um dia sem uma palavra
eu fui a sombra
de uma borboleta*

Hosaki Hosai

*Danças as borboletas
eu converso
com os mortos*

Yokoyama Hakko

*Tornou-se
o mundo
um cerejal em flor*

Ryokan

*À sombra das flores de cerejeiras
não existem
estrangeiros*

Kobaiashi Issa

*Verão, agosto.
O mais claro
clarão da lua
no lado escuro
de meu rosto*

crb

*De boca aberta
a menina vê caírem flores –
ela é um Buda*

Otami Kubuku

*Porque é preciso
deixemo-nos morrer
á sombra das flores*

Kobayashi Issa

*Quando for hora
e te fores,
lembra-te que é melhor
se sob as flores*

crb

*Festa de primavera
do fundo da água
as ervas me chamam*

Niji

*Sobre a montanha
a lua também clareia
o ladrão de flores*

Kabayashi Issa

*Coberta de borboletas
a árvore morta
é toda flores!*

Kobayashi Issa

*Um único ruído
ao clarão do luar –
a queda das camélias brancas*

Takakuwa Rankô

*Eles contemplam
o oceano de junho –
os budas no fundo do templo*

Masaoka Shiki

*Esta montanha ao longe
lá onde o calor do dia
já foi embora*

Ueshima Onitsura

*Ilhas
pinheiros sobre ilhas
e o frescor do fluir do vento*

Masaoka Shiki

*A lua à meia-noite
como
um bloco de frescor*

Yasuhara Teishitsu

*O grande Buda –
seu frescor
inumano*

Masaoka Shiki

*Nada do que há é meu
a não ser a paz do coração
e o frescor do ar de agora*

Kobayashi Issa

*Noite de verão –
o rumor de meus tamancos
faz vibrar o silêncio*

Kawahigashi Hekigotô

*O vento morre –
o capim
se veste de luto*

Aioigaki Kajin

*Nu
sobre um cavalo nu
através do aguaceiro!*

Kobayashi Issa

*Diante do relâmpago
sublime é aquele
que dele nada sabe!*

Matsuo Bashô

*Solidão –
após os fogos de artifício
uma estrela cadente*

Masaoka Shiki

*Profundo
e mais a fundo ainda
nas montanhas azuis*

Taneka Santôka

*O mendigo –
ele veste o céu e a terra
como roupa de verão*

Takarai kikaku

*Ah cuco!
aumentas ainda
a minha solidão!*

Matsuo Bashô

*Com esta boca
que esmagou uma pulga
eu canto o Buda*

Kobayashi Issa

*A quem o persegue
o vagalume
oferece a sua luz!*

Ôtomo Oemaru

*O mundo vai indo bem –
uma outra mosca
pousa sobre o arroz*

Kobayashi Issa

*A água vira um cristal
os vagalumes se apagam –
nada existe*

Chiyo-ni

*As cigarras vão morrer –
mas o grito que elas cantam
disso nada diz*

Matsuo Bashô

*Sonha
o velho pinheiro –
ele não é um Buda ainda!*

Kobayashi Issa

*Céu de uma noite sem fim –
estrelas róseas e companheiros
esperam pela manhã*

Furusawa Taiho

*O paraíso?
Uma mulher
um lótus rubro*

Masaoka Shiki

*Aí vem o outono –
o cãozinho que não sabe
é um Buda*

Kobayashi Issa

*Para quem parte
para quem fica –
um par de outonos*

Yosa Buson

*A noite é sem-fim –
eu penso
em quem virá em dez mil anos*

Masaoka Shiki

*Aos amantes da lua
talvez as nuvens
ofereçam uma pausa*

Matsuo Bashô

*Sob a luz da lua
eu deixo a minha barca
para entrar no céu*

Kôda Rohan

*Coração
clareado pela chuva
carcaça batida pelos ventos!*

Matsuo Bashô

*A borrasca cessou –
um camundongo
atravessa a correnteza*

Yosa Buson

*A rosa branca
jamais esquece
o seu desejo de estar só*

Matsuo Bashô

*Outono na montanha –
quantas estrelas
quantos ancestrais tão longe*

Nozawa Setsuko

*Gafanhoto -
não esmague
a pérola da rosa branca!*

Kobayashi Issa

*Eu colho cogumelos –
minha voz
vira o vento!*

Masaoka Shiki

*Na noite de dezembro
um leito gelado –
eis tudo o que eu tenho*

Ozaki Hôsai

*Outro ano chega ao fim –
sempre o mesmo chapéu
as mesmas sandálias de palha*

Matsuo Bashô

*Primeiro chuvisco –
eu tenho este nome
“o viajheiro”*

Matsuo Bashô

*Noite após noite
a minha sopa de legume
acompanha a neve*

Kobayashi Issa

*Lá
simplesmente
sob a neve que cai*

Kobayashi Issa

*Neve que tombas sobre nós dois –
tu és a mesma
este ano?*

Matsuo Bashô

*Aqui está
a minha última morada –
cinco pés de neve!*

Kobayashi Issa

*Sozinho de só no inverno
eu gostaria de fazer uma pergunta
ao Buda*

Masaoka Shiki

*Neste jardim
Um século
De folhas mortas!*

Matsuo Bashô

*Aqui neste jardim
secaram séculos
de folhas mortas.
Mas, se elas estão aqui
secas... estarão mortas?*

crb

*Sem saber nem por que
eu amo este mundo
até onde viemos pra morrer*

Natsume Sôseki

*Pouco a pouco meus pulmões
Se tingem de azul –
viagem pelo mar*

Shinohara Hôroku

*O arroz está saboroso –
e o céu azul
tão azul*

Tanaka Santôka

*E aqui nesta página termina a pequena coletânea de haikais
traduzidos livremente do francês e recriados por mim, ao lado
de alguns pequenos poemas meus sugeridos por alguns haikais.*

*Carlos
Rodrigues
Brandão
na
Rosa
dos
Ventos
no dia
13 de janeiro de 2011
dia em que
Maria Alice e eu
completamos
quarenta e cinco anos
de casamento.
chove muito, como naquele dia...
em 1966.*

PENSANDO O WU-WEI

*Wu-wei.
Sem me mover,
voei.*

*Wu-wei.
Sou eu
quando
esqueço
o que sei.*

*Wu-wei.
Sem pensar
o que eu
não sabia,
agora eu sei.*

*Wu-wei.
Não agi.
agir
não quis.
E o que
eu faria
então eu fiz.*

wu-wei.
Ontem eu
era eu
e me esqueci.
Esquecendo
agora
eu sei...
e me encontrei.

Wu-wei.
Sobrou
do que fui ontem
o quê?
E se sobrou,
sobrou por que?

wu-wei.
Sem bater asas
sem me mover
enfim,
eu fui tão longe
que ao chegar
aonde não fui,
voltei a mim.

outros hai-kais e tankas

*na ponta do galho
a flor do ipê
pinta o céu de amarelo.*

*flore o ipê de agosto.
O chão forrado
de ouro em pó.*

*O galo adormeceu
e esqueceu
que o sol nasceu.*

*Salta hoje a rã
no lago.
E amanhã?*

*Sobrou da manga
o caroço:
semente ou osso?*

*A sombra do sol
cobriu de escuro
a luz do mundo.*

*Vento de maio.
Quem vai
no teu voar?*

*Um grão de arroz.
Por um instante
na palma da mão
um diamante.*

*Flore um fio
de lírio:
lírico branco.*

*Garimpo o ouro
do tesouro
que do alto da rama
o ipê derrama.*

*Feliz a lua.
Lava o rosto no lago
E não se molha.*

*“Tudo são luzes”
disse Mia Couto.
E é no outro
que eu acendo
a minha luz!
E ser a luz
acesa em um outro
é tudo
e ainda é pouco,
se eu não acendo
com a minha luz
a luz de um outro.*

HAYCAIS ESCRITOS NOS ALPES

*Tantas nuvens no céu. Entanto
por que a neve na montanha
brilha tanto?*

*O frio de janeiro
cala tudo nestes altos.
Menos a ave no pinheiro.*

*Como se chamará
o pássaro de cá
que, lá onde eu vivo
se chama sabiá?*

*Costuram de noite os pinheiros
a roupa de neve
de janeiro.*

*Corre e congela em breve
um fio de água
sobre a neve.*

*Voa uma andorinha.
Pra onde vai
sozinha?*

*Voa uma andorinha.
Ia ela
ou vinha?*

*Há uma joia aqui
dentro da polpa
brilha o ouro do pequi.*

*Abre a janela!
A flor do ipê floriu,
e é amarela.*

***Cole Santa Lucia
27 de maio de 2013***

HAICAIS
PARA RECEBER A PRIMAVERA

*Canta o sabiá no pé de ipê.
É primavera,
vê!*

*Amanhece.
O sol do dia espera
a primavera.*

*Cadente,
o que coloriu
a estrela que do céu caiu?*

*Sozinha na folha
a palavra “só
chorava a solidão.*

*O que era do dia
quando nem a noite
não havia?*

*Vera,
é prima ou o que
da Primavera?*

*O pio do pirilampo.
A luz que clareia
todo o campo.*

escritos zen

*Escuta, sente
a eternidade é agora,
de repente.*

*Eu estava aqui
e não sentia.
porque nem eu estou
e nem um aqui havia.*

*Agora
eu sei isto:
quando não me penso
existo.*

*Ser e não ser
e sempre igual.
O começo da trilha
é o seu final.*

*O peixe que a gaivota come
é a gaivota
que comeu o peixe.*

*Haicais e outros poemas pequenos escritos a mão
algum dia em Lages, Santa Catarina, no dia 30 e
setembro de 2012*

*Sempre
quando é noite a meio
a tênue luz da lua cheia.*

*Foi a hora
quando antes era
agora.*

*De ontem
veio a hora
em que antes foi agora.*

*Demora
no mel da flor de amora
a borboleta.*

*Lenta a lesma
atravessa o deserto
de uma folha seca.*

*É agora o dia.
O galo acorda
e acorda o sol.*

*Não! Nada quero
de tudo o que eu vivi
e agora dentro de mim
trago guardado.
Velho, eu só queria ser
a chuva de setembro
no cerrado.*

HAYCAIS DE 2016

*Serena pousa.
Sabe a seriema
o que é o sereno?*

*Nua
a moça na praia
espera a lua.*

*Banha a lua
na praia
a moça só e nua*

*Sozinho o sanhaço
adormece e sonha
ser o céu azul,*

*Fui ver agora
como na noite
a lua vai embora*

*Clareia a lua clara
e é de luz o teu rosto
Clara.*

OUTROS HAICAIS OUTROS TANKAS

*Dormia o dia sobre a névoa
No alto
a gralha azul cantava*

*Ah! Nuvem branca!
Quem me protege
do sol do céu azul?*

*Sobre a folha
que ao vento voa
lenta, a formiga viaja.*

*Aos saltos salta
o peixe
rio acima.*

*Derramado na toalha branca
o vinho tinto
desenha uma rosa.*

*No ar do outono
a folha volteia e dança
enquanto cai .*

*Pequena breve morte.
Um beija-flor
se dorme.*

*Viaja o vento
ou quem nele voa
e ao vento vai?*

*Vejo no céu do outono
o voar de milhares
de andorinhas.
E o mais bonito nelas
é que nenhuma é minha.*

HAIKAIS DA LAGOA DO PERI

*Lagoa do Peri.
Um frango d'água voa
E pousa ali.*

*No silêncio
da beira a lagoa
soa o seu marulhar*

*Mínima onda.
Marulha a sua água
a lagoa na tarde.*

*Vento Sudeste,
sabes o que fazes
com o mar?*

*Viaja no vento
seu voar
a gaivota suspensa no ar.*

*Sobra do fogo
a chama ar acima
que a minha alma ilumina.*

*Acaso sabe o grão de areia
que ele é o mar
e tudo o mais que há
e a luz do sol clareia?*

POEMAS VINDOS DO LADO DE LÁ

*É agora dia.
Sob o sol do dia
sonho estrelas ao dia!*

*Ontem foi a lua cheia.
Com que nome virá hoje
a lua que prateia a areia?*

*Ah, nuvem branca
me salva
do sol do céu azul!*

*Um cacto na caatinga.
Quando é mais cedo
ele floresce.*

*Quem a rã vê
quando olha no lago
o rosto da floresta?*

*A bola rola
e para e espera
a pressa do menino*

*Aqui de cima
vejo o outro ao longe.
Solidão.*

*Alguém passou aqui
e se foi, eu sei.
Quem? Um outro ou eu?*

*Andando sempre em frente
é que um dia
se chega ao começo.*

*Amor é isto?
Ficou em mim até agora
quem ontem cedo foi embora.*

*Noite clara.
O clarão da lua
apaga a luz da estrela.*

*Agora é dia claro!
Ouço no lago
o coaxar do sapo.*

*Já vai longe daqui
quem nem chegou
ainda aqui.*

*O que há além do que havia?
Acaso engole a noite
a luz do dia?*

*Por uma noite apenas
esconde o escuro
a luz da flor do Ipê.*

*Tece a noite o pano escuro
com o fio de lã
que a mão do dia fia.*

*Tem dias no verão
em que a noite chega cedo
e tudo fica claro então!*

*Serena gota d'água
E que fez você cair
Aqui?*

*Do outro lado do rio
longe, na nuvem cinza
chovia.*

*Trago as minhas mãos
sujas de terra.
Plantei uma árvore.
Esta é a minha prece.*

*As minhas mãos
mergulho no meu corpo.
Mergulharei em que
quando for, morto?*

*Tocastes meu corpo, Deus?
Ou isto em meu ombro
é apenas, caída,
uma folha seca?*

*A velha varreu a casa
e agora dorme.
No sonho do sono
Ela voa na vassoura*

*não sei se toco
o ouro da moeda
ou o amarelo
de uma flor no chão*

*Restou da noite, amiga
Aenas este resto de poeira.
No entanto, luzindo com a luz
de uma estrela inteira!*

*O raio incendeia
o céu da tarde.
Dentro de casa
nada teme
o João-de-Barro.*

*Se o passado
não retorna,
o que fica então
quando o que foi ontem
é agora?*

*Por que? Por que?
Sente o laranja
tamanha inveja
do ouro do amarelo
de uma flor de Ipê?*

*Na pedra é onde o silêncio
encontra a morada.
Nela, imóvel ele cala
para que ao passar o vento
não diga nada.*

*As flores nos salvam de esquecer.
As violetas nos fazem saber
que não sendo uma delas,
somos quem pode vê-las,
... e saber.*

*Desgosto ou tempo?
Porque não ver como um sulco
e não a ruga,
este sulco que a vida
arou na face viva
de teu rosto?*

*Não! Nada quero
de tudo o que eu vivi
e agora dentro de mim
trago guardado.
Agora eu só queria ser
a chuva de setembro
no cerrado.*

*Tudo o que se faz depressa
é a pressa que se perde
com o que com pressa não se cria.
O ato quer sempre acontecer
antes do gesto.
E o fato esquece que ele é
Somente a foto do feito.*

*Agora foi o tempo
que inda agora
era um antes
de um antes
que houve antes
De outro agora.
Assim como é agora
um depois... antes
de ser o depois
do que era ou foi
até agora.*

*De pé
na amurada
de um navio
vejo que tudo o que há
se move e passa
por onde eu passo
rio abaixo
de pé na amurada do navio.
Tudo o que vejo se move
menos eu, o barco
e este rio.*

*Soprei a brasa no fogo da lareira.
Lavei a mão na água do vento.
Tomei do céu a sopa quente
com o que restou no fundo da peneira.
Pintei a tarde como em outono
com as sete cores que o outono tem.
E antes que me viesse o nosso
eu disse à noite: vem!*

*De tudo o que há
eu queria ser barro,
pois o barro molhado
pode ser qualquer coisa
fazendo de um outro
um corpo que é seu.
E assim eu, barro
posso ser tudo
e qualquer coisa do mundo
pode ser... eu.*

*Move o vento
a onda
e a onda
move o mar.*

*E o mar
move o vento
que move a onda
que move o mar.*

Onde começa o mover?

No vento?

Na onda?

No Mar?

*Ou no lugar
onde a vento
é a onda
e a onda
é o mar?*

*Como um outro rio,
um riacho, o homem anda.
invisível ao olhar dos outros
ele navega suas próprias águas
e de onde volta, e aonde vá
deságua sempre, como um rio,
em um outro rio.*

*Terá havido um tempo
antes de agora, hoje,
em que o tempo
não passava
em que o tempo
não havia?*

*Um tempo às avessas
em que quem ficava,
ia?*

*Um tempo ao contrário
em que quem partia,
estava?*

*lavra a lavoura
dourada de milho
o lavrador.
E enquanto ele lavra
em terras de outro
um dono distante
ele chora por dentro
ele para um instante
e chora sozinho
a sua dor.*

*Era noite alta
e eu sonhara
no buraco do sono
na taquara do sonho
que eu voava no voo
do azul de uma arara.
Era noite e eu voava
eu voava e voava
de uma estrela até outra.
E o dia chegou
como sol que chegava.
E acordei de meu sonho
como arara que sonha
e sonhando acordara.
E agora não sei
se sou eu... ou arara.*

*Aprendia a saber ler
para ler o que aprendia.
Mas antes de saber
as mil palavras que eu lia
quanta coisa eu já sabia!
Pois antes de ler palavras
eu lia as flores e abelhas
lia o mel, o céu e o mar
os riachos e os amigos
com quem brincava e corria.
Lia o mundo e lia a vida
e com a vida... aprendia.*

*Agora
é a hora de pensar
que o já,
já foi embora.*

*Quando afinal
chega ao agora
o que ainda
não existe... agora?*

*Onde eu estava
Quando não estava
Aqui?
Se eu estava lá,
“lá” era “aqui”?*

*Quero estar lá,
e lá estar
é tudo o quanto quero
enquanto estou aqui!
Mas quando chego lá
alguém me diz:
o que você veio fazer
aqui?*

uma tarde muito quente

*O sussurro do arroio
o batuque da chuva
o violino do vento
o nadar-surubim.
O falar do começo
o murmúrio do meio
o silêncio do fim.*

O tempo, o nada

*Agora foi o tempo
que inda agora
era um antes
de um antes
que houve antes
De um agora.*

*Assim como é agora
mm depois... antes
de ser o depois
do que era agora.*

Um lavrador

um

Não empunhei espadas.

Não fui guerreiro.

e nem tenho o peito

coberto de medalhas.

Abri sulcos na terra

com a enxada.

Colhi o fruto da colheita

e essas foram e são

minhas batalhas.

dois

Feita a colheita

do mês de maio

do que plantei

não sobrou nada.

Nunca foi tão fértil

o que eu colhi

do que plantei

com a minha enxada.

*Quando tudo silencia
canta o rio
a sua melodia.*

*Com as duas mãos
uma na outra
e a outra em uma
em bato palmas.*

*O que eu ouço
quando bato palmas
com uma mão só,
ou com nenhuma?*

*Eu mal não sei
o que eu digo
quando eu falo.
Mas eu bem sei
(e vai comigo)
o que eu digo
quando eu calo.*

*Tocastes meu corpo, Deus?
Ou isto em meu ombro
é apenas, caída,
uma folha seca?*

*Não vejo a hora
de chegar o momento
que não há
e é o agora.*

*Aqui eu paro, pronto!
Até aqui cheguei.
Não fui daqui a parte alguma
e sem haver ido até ali,
de lá voltei!*

*Desgosto ou tempo?
Porque não ver como um sulco
e não a ruga,
este sulco que a vida
arou na face viva
de teu rosto?*

*Morei numa casa
e fui embora?
E hoje, por onde eu ando
carrego dentro de mim
a casa onde morei
outrora.*

*Na pedra é onde o silêncio
Encontra a morada.
Nela, imóvel
ela vela
para que o vento ao passar
não diga nada.*

*Como quem serena
E vai embora
A árvore que vai brotar.
Quem sabe quando?*

*Saída do arco
A seta voava.
Árduo caminho largo.*

*Sombra,
quem te aclara
quando o dia acaba?*

*A rã no brejo
se coaxa.
A noite apaga
o facho
e o dia nasce.*

*Respira o lago inteiro
no nariz da rã
que espia a noite*

*A ema voa ao vento
e vai o vento
no voar da ema.*

*Quando escurece
no alto brilha Antares
e anoitece.*

*Um leve sopro
no capim-gordura.
Maio chegou!*

*Vinda do sul
canta na Araucária
a Gralha Azul.*

*Como lençol, alva
a noite vai
E apaga a lua.
Voa uma pomba
e acorda a rua.*

*Livre
é a gora d'água
quando cai.*

*De onde veio o vento
que ventou agora
e foi embora?*

*um bando de andorinhas
voa ao vento.
Voam elas ou voa o vento
que no voo delas vinha?*

*recente era o mar
recente a lua cheia
e de repente estava
a lua sobre a areia.*

*passa fora o vento
e move as folhas
e as folhas caem
pra voar com o vento.*

*é noite alta ainda
mas o claro da luz da lua
diz: a noite é finda,*

*veio como quem
não chegasse ainda.
e quando foi embora
é como se fosse a vinda.*

**Carlos
Rodrigues
Brandão**

